
VAN
JOHNSON

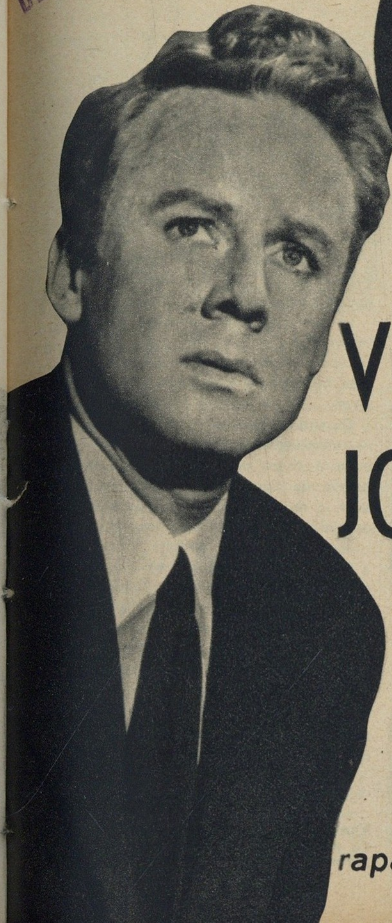
ÁLBUM
DOS
ARTISTAS

(2.º Vol. — Fasc. 38)

Edição de Aguiar & Dias, L.da.

Distribuidores e Depositários: Agência Portuguesa de Revistas — Rua Saraiva de Carvalho, 207 — Telefones: 668639/ /668684 — LISBOA (Portugal). Composto e impresso nas oficinas Bertrand (Irmãos), L.da, Travessa da Condessa do Rio, 7 Lisboa





# VAN JOHNSON

## um homem tímido que se tornou o «noivo ideal» das raparigas americanas!



25 de Agosto de 1916. Newport (Rhode Island).

Charles Johnson olha, através da janela, a tromba de água que vem invadindo a cidade. Parece-lhe um mau auspício que seu filho venha ao mundo numa noite de tempestade. Relâmpagos riscam o céu e, ao longe, o ribombar dos trovões estremece a terra.

Mais do que a tempestade, porém, o que preocupa Charles Johnson é o absurdo desejo de sua esposa:

— Será um rapaz e chamar-se-á Van Dell — anunciara-lhe ela, ao sentir as primeiras dores do parto.

Ele ficara de olhos esbugalhados:

— Mas, querida, Van Dell é um nome absurdo. E pode nascer uma menina...

— Não, não. Será um rapaz e quero que se chame Van Dell. Van Dell — insistiu ela, com convicção.

Charles não quer contrariá-la. De resto, também ele deseja um rapaz. E, se assim suceder, dêem-lhe o nome que lhe derem, esse filho ficará a ser toda a sua razão de viver...

De súbito, os trovões deixam de se ouvir, os relâmpagos desaparecem do céu. Charles ouve o choro de uma criança e corre ao quarto de Loretta que, ainda banhada de suor, o recebe com um sorriso feliz: o seu desejo cumprira-se — era um rapaz.

★

Van Dell é um bebé forte, loiro e rosado, fresco como o sol da manhã. Charles Johnson sente-se demasiado orgulhoso e agradecido para se opor àquele nome absurdo e passa horas sem fim brincando com o filho... Aos três meses descobre-lhe o primeiro sorriso, pouco depois verifica que ele já segura a cabeça e, uma noite antes de o deitar na pequenina caminha de alvos lençóis rendilhados, escuta-lhe a primeira gargalhada...

Apenas Van Dell começa a dar os primeiros passos, seu pai leva-o a passear. Vão todos os domingos à praia e brincam como duas crianças. Charles ensina o pequeno a nadar. Ao atingir os três anos já Van Dell se mantém à superfície e, pouco tempo depois, todos o reconhecem como um excelente nadador.

Pai e filho, como dois bons amigos, repetem durante muitos anos esse passeio dominical à praia. No inverno, trocam a praia pelas barracas e tômbolas das feiras, e aí se entretêm alegremente. Regressam a casa carregados de troféus e prémios, felizes e satisfeitos pelo seu dia de festa.

Assim decorre a infância de Van Dell. Ao ingressar na escola primária, encontra ali numerosos rapazes e com eles estabelece um sincera amizade e camaradagem. A sua cordialidade e simpatia criam-lhe em cada companheiro um amigo. Depressa forma um grupo de rapazes que riem e brincam por qualquer coisa... até do nome que ele tem.

— Van Dell! Já viram alguém chamar-se Van Dell! Que disparate! Quem se lembraria de semelhante nome?

Os rapazes não descansam enquanto não o vêem aborrecido. O gracejo repete-se excessivas vezes, ao ponto de, certo dia, perder a cabeça e partir o nariz a um... Ele próprio se arrepende desse gesto violento e inútil, e, então, decide suprimir a segunda parte do seu nome. Daí em diante, todos o conhecerão apenas por Van.

Com os seus novos amigos, forma um clube que se dedica às actividades mais diversas. Organiza excursões, brincadeiras infantis, competições desportivas, etc. Devido à sua personalidade, os colegas escolhem-no para chefe.

Um dia, seu pai declara-lhe:

— Bem, Van, já és um rapaz crescido, creio que já podes sair à noite num ou noutro dia. Por exemplo, hoje. Se quiseres, levo-te ao teatro. Vieram uns cómicos de Nova Iorque e dizem que têm muita graça. Que te parece?

— És formidável, papá. Vou contigo, pois claro. E quanto a sair de noite, estava à espera que te lembrasses disso... Os meus amigos saem todas as noites.

**Van Johnson entrou para o cinema pela porta da música. As suas qualidades de bailarino permitiram-lhe ombrear com Eleanor Powell em «A duquesa apaixonada».**



**«Escola de Sereias» revelou em todo o mundo dois artistas que ràpidamente alcançaram notável fama: Esther Williams e Van Johnson.**



**Em 1948, Van Johnson e Judy Garland eram, ele o «noivo da América», ela a «noiva da América». Juntos apareceram em «In good old summertime», que não chegou a ser exibido entre nós.**

Van assiste, assim, pela primeira vez, a uma representação teatral. O teatro fascina-o. Fica maravilhado perante essa descoberta e sente que qualquer coisa de novo se acende na sua alma, qualquer coisa que vivia latente no seu espírito, mas que até então desconhecia.

No dia seguinte, na escola, Van reune os membros do seu clube.

— Amigos, temos feito muitas coisas e somos famosos na cidade. Mas há uma coisa que ainda não fizemos e que aumentará a nossa fama. Adivinhai o que é...

Ninguém lhe responde. Dezenas de olhos fitam-no, surpreendidos, sem descortinarem o que possa ser.

— Teatro — responde Van às mudas interrogações. — Com o teatro seremos os donos da cidade. Portanto, mãos à obra, que eu os orientarei...

Aqueles jovens buliçosos actuam com rapidez. No palco da casa dos Johnson é montado um tablado. Após longas discussões sobre a peça a representar, dão início os ensaios. Van comanda as decisões. A uns distribui um «sketch» cómico, a outros uns versos, a um grupo uma peça dramática em um acto. E, por fim, organiza um acto de variedades.

A primeira representação constitui um êxito... O público, formado pelos companheiros da escola e suas famílias, sai extraordinàriamente divertido da representação.

Mas, para além do êxito artístico, eles congratulam-se com outro facto mais transcendente: o êxito económico verificado na bilheteira...

Todos os espectadores haviam pago um módico preço pela entrada e, como tinham feito o espectáculo sem despesas de montagem a receita permite aos jovens artistas organizar uma retumbante festa...

Daí em diante, como era de prever, o



**Quando Van Johnson e Fred Mac Murray fizeram na «Columbia» o filme «Os Revoltados do Caine», Rita Hayworth, já então divorciada de Ali Khan, trocou com eles um agradável «bate-papo» à saída dos estúdios.**

clube dedica-se exclusivamente às actividades cénicas. Somando êxitos após êxitos, chegam a actuar em diversas festas extraordinárias da cidade... E toda a gente os aplaude com simpatia e admiração...

★

Terminados os estudos na escola primária, Van perde o contacto com os seus amigos que não continuam a estudar. O clube desfaz-se. Van quase chora ao sentir-se impotente para evitar essa dissolução. Para ele, o grupo era uma grande parte da sua vida.

Triste e abatido, inicia os estudos no liceu, onde entre centenas de rapazes e raparigas ninguém o conhece. Não o recebem com a afabilidade que tinha conhecido, anos antes, ao entrar para a escola primária. No liceu, absorvidos pelas preocupações do curso, ninguém dispõe de tempo para se ocupar dos outros. Van apenas se atreve a estabelecer o contacto dos «bons dias» e das «boas tardes» com os seus novos amigos.

Durante dois anos, o seu círculo de amizades mantém-se tão pobre como no princípio.

No liceu existe um grupo cénico, mas ninguém se interessa por Van. Esse desinteresse torna-se extraordinàriamente doloroso para ele, porque agora, mais do que nunca, a vocação teatral torna-se-lhe uma necessidade irreprimível, a obsessão de todos os momentos.

A dureza desses dois anos aumenta a timidez de Van. A sua cordialidade e simpatia dissipam-se no contacto com o mundo frio da indiferença dos colegas, que não admitem a entrada de estranhos nos seus grupos de amigos.

Quanto às raparigas, nem se atreve a dirigir-lhes a palavra. Por vezes, quando passa por elas, ouve-as soltarem pequenos risos de troça. Chamam-lhe «pêlo do boi» e riem-se das suas sardas...

Fazem-no, porém, por despeito, porque na realidade, Van é um jovem forte e atraente, que tem apenas o defeito da timidez...

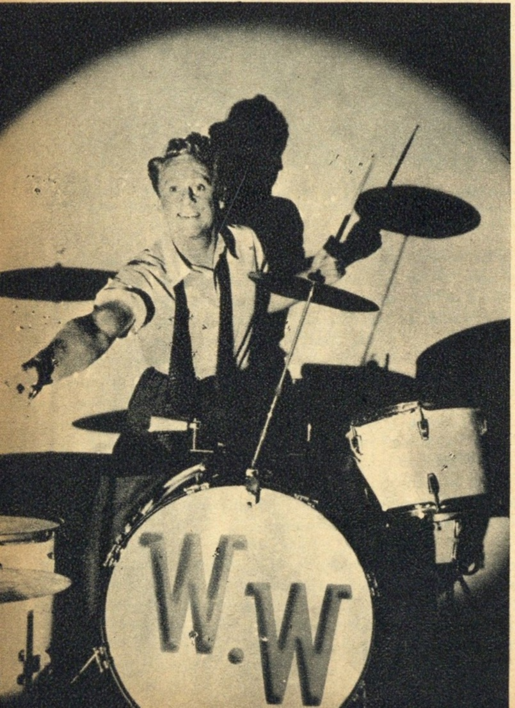
«Se continuo assim, estou perdido» pensa Van. — Esta situação é insuportável. Custe o que custar, tenho de tomar uma decisão».

Após longos dias e noites de luta íntima, acaba por tomar essa decisão. Daí em diante, Van aparecerá em todas as reuniões de alunos, em todas as festas e bailes. Vencendo as dificuldades iniciais, começa a comportar-se como os outros jovens. Baila, ri, conta anedotas às raparigas... e elas não se aborrecem.

— Nora, tu não devias vir ao liceu — atreve-se a dizer a uma colega. — Eu nunca poderia considerar-te uma companheira de classe. Tu és mais do que uma companheira. E isso é precisamente o que faz perder muito encanto à nossa amizade. Gostaria de não te ter conhecido no liceu.

— Que queres dizer, Van?

— Francamente, não percebes? Preferia conhecer-te como se conhecem os rapazes e as raparigas. Passeando na rua, nas festas ou nas reuniões.




**A longa e difícil caminhada que Van Johnson percorreu até alcançar o êxito, levou-o a aceitar as mais diversas ocupações, desde bailarino a locutor, desde «baterista» a cantor. Essa experiência dar-lhe-ia mais tarde a oportunidade de se revelar como um actor completo, capaz de interpretar filmes de todos os géneros.**

— Continuo sem perceber... — comentou Nora, entre sorridente e ruborizada.

— Gostaria de te ver noutra parte, num sítio onde o nome da escola não se ouvisse para nada. Que pensas tu?

Este namoro é simplesmente uma experiência. Nora não lhe interessa em absoluto. De qualquer maneira, porém, ele consegue assim vencer a sua timidez e ganhar uma namorada. Pela primeira vez na vida sai com uma mulher. Os complexos desaparecem. E, nos bailes, nenhum brilha tanto como ele... Reconhecido por todos como um excelente bailarino, a sua personalidade adquire vulto, torna-se uma peça importante de todas as festas promovidas pelos estudantes.

As raparigas falam sobre ele mais do que... sobre outros. Abrem-se-lhe as portas de todas as amizades. E não triunfa só como dançarino, mas também noutros campos que atraem irresistìvelmente a admiração da juventude, nomeadamente as competições desportivas. Contudo, se alcança fama como «ás» de futebol, já não obtém o mesmo êxito como actor, não obstante a vida artística ser na realidade o que mais deseja! Os elementos do grupo cénico recusam-se a aceitá-lo no seu seio, a pretexto de um motivo fútil.

— As inscrições terminam 10 dias depois do começo das aulas. Já se passaram cinco meses...

Triunfar como actor era o que mais



**O desporto é o meio mais eficaz para qualquer artista manter a juventude física, que permite esconder o avançar dos anos aos que, doutra forma, perderiam o brilho que os ilumina.**



**«Uma aventura em Roma» (When in Rome) deu-nos Van Johnson na figura de um simpático padre, ao lado de outro actor de grandes recursos, Paul Douglas.**

ansiava. Por isso, quando termina o curso, tem ainda nos lábios o ressaibo de não ter pisado o tablado do liceu durante todo o tempo em que ali estudou.

E com esse ressaibo a atiçar-lhe o desejo de uma carreira irrefreável, ele começa a espreitar a grande oportunidade que poderá abrir-lhe as portas do teatro.

Newport é, na época, uma cidade pequena, mas com certa relevância social e por isso, predomina ali o gosto pelo teatro, pelo bom teatro. Van não perde uma única representação. Sente-se feliz vendo actuar os artistas profissionais, e só então esquece a dor de não ter podido introduzir-se entre os amadores.

— Não te preocupes, Van — recomendam-lhe os amigos. — Estes aqui são actores, mas se os conhecesses de perto não lhes dedicarias tanta atenção. No liceu tens o exemplo do que é a gente de teatro. São pedantes, vaidosos e estúpidos. Não queiras misturar-te com eles, que não sabem representar. O teatro só te pode dar inimigos e desgostos.

— Não, não. O teatro é, para mim, o caminho da felicidade — respondeu Van. — A minha maior ilusão é representar, e hei-de consegui-lo.

Estas conversas repetem-se quase todas as semanas. Com insistência inabalável, os amigos tentam dissuadi-lo de seguir a carreira teatral. Mas Van não cede. O tempo vai rolando, as esperanças parecem esfumar-se de encontro aos obstáculos.

— Os meus amigos têm razão — pensa então amargamente. — Eu devia não pensar mais no teatro.

Mas não o consegue. E embora não tenha vislumbrado ainda uma oportunidade na



carreira que tanto ambiciona, ele tem a certeza de que, mais dia menos dia, ela acabará por chegar.

★

— Agora que terminaste o curso, que pensas fazer? — pergunta Charles Johnson a seu filho. — Antes de tomares uma decisão, pensa com calma e serenidade. Não te precipites, porque o teu futuro depende do que decidires agora. A que pensas dedicar-te? Preferes estudar ou trabalhar?

— Não sei, é difícil decidir. Neste momento, não sei francamente que caminho tomar. O teatro fascina-me... Gostaria...

— É natural — atalha o pai, que lhe conhece a tendência para o teatro, mas que não a aprova. — É natural que não saibas o que tens a fazer: és demasiado jovem. Creio que deverias ir para a Universidade, mas talvez a ideia não te agrade. O melhor é tu escolheres.

— Já estudei, pai, e já sei o que isso é...

— Então o que terás agora a fazer é trabalhar um ano comigo para adquirires experiência. Não creio que o teatro te convenha. Já sabes que os artista são... bem, já sabes como são. Espera um ano e depois decide.

Van aceita a proposta, animado pelo desejo de fazer o pai feliz. Mas esse desejo custa-lhe um ano de tristeza, um ano que parece durar uma eternidade, tal a lentidão

**Grandes amigos, ligados por laços sentimentais e profissionais que dir-se-íam indestrutíveis, Van Johson e Keenan Wynn interpretaram juntos vários filmes, entre eles «Heróis esquecidos», que lhes deu o uniforme da aviação. Pouco depois, eclodiria entre eles um dos escândalos mais contundentes que abalaram a meca do cinema.**



com que decorre para um moço que reduziu a sua vida à ideia de ser artista.

Seu pai observa-o e compreende o que se passa com ele. Não obstante, não lhe põe dificuldades. Deixa-o ir ao teatro com assiduidade, convencido de que, mais tarde ou mais cedo, ele acabará por seguir aquela carreira.

Van exerce na casa do pai as funções de vendedor — um trabalho em que a simpatia tem grande importância. Embora todos reconheçam a sua afabilidade pessoal, no emprego ele mostra-se taciturno e melancólico, de tal maneira que os clientes, desiludidos, chegam a perguntar-lhe, irònicamente:

— O senhor saiu, não é verdade?

Ele tenta sorrir, como que a disfarçar a sua atrapalhação. Mas logo que o cliente sai, a voz da consciência murmura-lhe: «Decididamente, não serves para isto. Deves confessar a verdade a teu pai».

Apesar de tudo, ele resolve levar até ao fim o ano de experiência que o pai lhe propôs. Fora das horas do emprego, continua a estudar livros de teatro, lê as revistas que falam dos grandes artistas da Broadway e, à noite, sempre que se estreia uma nova peça, vai ao teatro. Sentado nas primeiras filas da plateia, o jogo histriónico dos actores absorve-lhe de tal maneira a atenção que, muitas vezes, ao regressar a casa, não sabe contar ao pai a história da peça, que lhe entrou por um ouvido e saiu pelo outro.

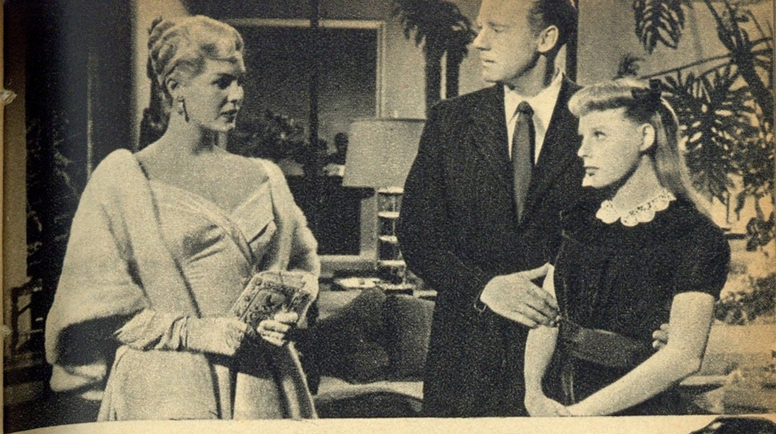
Terminado o prazo da experiência, o senhor Charles chama o filho ao seu gabinete e declara-lhe:

— Filho, já sei o que tu queres. Lamento-o, porque aqui tudo iria bem para ti e tudo te seria fácil. Preferes o caminho difícil, mas ignoras os espinhos que tens a sofrer. Oxalá não te arrependas. Já sabes que te ajudarei em quanto puder, mas tem em conta que não somos pessoas muito

**«Heróis Esquecidos», baseado numa novela famosa, deu-nos no seu final uma das mais patéticas cenas de guerra. O filme reunia, de resto, um elenco notável, incluindo ao lado de Van Johnson nomes como Frank Lovejoy, Walter Pidgeon, Keenan Wynn.**







**Em «Cedo para beijar», June Allyson e Van Johnson encontraram-se de novo, após «Até as nuvens passarem» e «Paraíso Prometido». O filme constituiu um êxito de gargalhada, ficando assinalado como uma das mais perfeitas comédias românticas do tipo americano.**

ricas. Se precisares de alguma coisa, não hesites em nos pedir.

— Não te preocupes. Arranjar-me-ei — respondeu o jovem com firmeza.

— Veremos, veremos... Desejo-te boa sorte...

★

Nova Iorque. O provinciano chega à grande urbe com o coração palpitando de emoção. A vista da cidade gigantesca como que arrasam de cimento e aço a sua alma.

Van sente-se como uma criança sòzinha diante de um mundo que parece querer esmagá-la. As ruas afiguram-se-lhe excessivamente movimentadas. As pessoas acotovelam-se para romper caminho, os automóveis buzinam sem cessar protestando contra a lentidão que o cerrado trânsito lhes impõe.

Gente apressada, gente que se esfalfa de um lado para o outro, gente que luta pela vida. Ninguém tem tempo para olhar para



ele, para lhe dizer: «Bom dia. Nova Iorque saúda-te!».

Em Newport não havia uma pessoa que ele não conhecesse. Mas, na grande, na imensa urbe, nem um só rosto conhecido se depara aos seus olhos dilatados pelo medo e pela surpresa. «Nova Iorque não é como eu sonhava! Meu pai tinha razão!» — murmura entre dentes, enquanto passeia os olhos pelas placas afixadas nos prédios, à procura de uma pensão.

Sobe as escadas de vários prédios, perguntando tìmidamente o preço do alojamento.

— Não temos quartos — respondem-lhe rispidamente, mirando-o dos pés à cabeça, desconfiados.

Outras vezes chegam a dizer-lhe o preço da pensão completa. Depois acrescentam:

— O pagamento é adiantado.

— Se me agradar...

Fica desiludido ao verificar que à exorbitância do preço não corresponde o que esperava: os quartos que lhe mostram carecem, na verdade, do mínimo de conforto.

Ao fim de longas horas de incessante deambular encontra um apartamento que lhe satisfaz. O preço não é muito acessível, mas não se sente com coragem para discutir. Newport fica demasiado longe para voltar atrás.

Deixa-se cair sobre a cama, respirando profundamente. À fadiga provocada pela viagem, juntara-se aquela peregrinação pela cidade. «Quanto tempo vou aguentar isto? — pergunta a si próprio. — Se não encontrar ràpidamente um emprego, ficarei sem um cêntimo na algibeira em menos de uma semana. Nova Iorque é realmente a mais descomunal cidade do mundo. Sobretudo nos preços...».

Copia da lista telefónica os endereços de todas as agências teatrais, disposto a percorrê-las pelo índice alfabético.

Na primeira em que entra, a sala de espera regorgita de gente — gente de todas as idades, uns humildes, outros arrogantes e outros ainda... desesperados. No meio da

**«O convite» deu a Van Johnson o ensejo de conhecer duas actrizes que, nessa época, haviam atingido o esplendor da sua beleza: Dorothy Mc Guire e Patrícia Neal. Mas, uma vez mais, o seu coração não se deixou prender pelas companheiras de trabalho.**





**«O veleiro da aventura» marcou o início de uma nova fase na vida do actor, permitindo-lhe contracenar com dois artistas como Spencer Tracy e Gene Tierney. A prova era difícil, mas Van saiu vitorioso — ninguém duvidando, a partir daí, da multiformidade do seu talento.**

agitação que envolve a pequena sala, Van distingue a voz de um velho.

— Não dar-me trabalho a mim, que percorri o país com os Barrymore!

Outra voz eleva-se, num tom ainda mais irritado:

— Oferecer-me dez dólares por semana! Na Broadway cheguei a ganhar 100 por sessão...

E outra voz ainda, soa fraca e humilde:

— Não posso aceitar um papel secundário ao lado desse Mark Piffer. Seria uma mancha na minha carreira.

Van escuta assustado estes comentários. Todos falam de personalidade e de fama. E, no entanto, a maioria sai do gabinete do director com o ar triste e silencioso de quem acaba de sofrer mais uma desilusão. Os poucos que saem da porta de vidro



com ar risonho e triunfante apagam no que ainda esperam as últimas résteas de esperança.

Duas jovens bonitas e elegantes sofrem a sorte da maioria, mas saem do gabinete do director de cabeça erguida. «Estas suportam o fracasso com dignidade» — pensa Van. E instintivamente, entreabre os lábios num sorriso de simpatia...

Elas fitam-no, a princípio, admiradas, mas antes de cruzarem a porta da saída, acabam por sorrir também...

Depois de uma longa espera, chega a vez



**Pela última vez a Metro reuniu Van Johnson e June Allyson desta vez num filme de características policiais: «O Segredo da Porta».**

de Van ser atendido pelo director. Entra pela porta de vidro no misterioso gabinete. Um homem olha-o por cima dos óculos pendurados no nariz.

— Como se chama? — pergunta-lhe o homem que vai decidir do seu futuro.

— Van Johnson, de Newport.

— Isso não me importa. Onde trabalhou? Com que artistas? Que especialidade tem? Que papéis já interpretou? Quanto tempo tem de teatro? Quero que me responda a estas perguntas.

— Bem, a verdade... — titubeia Van. — Eu queria um emprego. Não importa o quê.

— Responda ao que lhe pergunto e não diga disparates — grita-lhe o seu interlocutor. — Não posso perder tempo. Há muita gente que me espera.

— Pois... não... não trabalhei em nenhuma companhia profissional.

— Ah! Já! — sorriu irónico o agente. — O senhor trabalhou no teatro do colégio e fez os primeiros papéis de menino bom, não é verdade?

— Exactamente — respondeu Van, com um misto de esperança e temor. — Eu era o Presidente do Clube teatral da escola.

— Lamento-o. Não tenho trabalho para si. Preciso de alguém que tenha feito teatro a sério e não brincadeiras de garoto.

Van sai da agência com o coração feito em destroços. Pensa em Newport com saudade tremenda.

Enquanto caminha pela rua ao acaso, começa a chover. «Como no dia em que nasci — lembra-se de repente. — Não posso fugir ao meu destino. Não nasci por acaso num dia de chuva!».

Um temor supersticioso enche-lhe o pensamento. Dir-se-ia que, com a chuva, Nova Iorque inteira vai desabar sobre a sua cabeça.

Fica com o fato num pingo. Ainda que deixe de chover, não poderá visitar mais nenhuma agência naquele dia. Sente-se mais desamparado e insignificante do que no dia da sua chegada à grande cidade. Sente-se perdido.

O dia seguinte amanhece radiante de sol. Van deitara-se cedo e dormira um sono profundo e reparador. Agora, o tempo vinha completar a cura milagrosa. Sente-se de novo com coragem para lutar, para fazer nova tentativa.

Visita outra agência teatral. Uma sala de espera igual à anterior. A mesma gente, os mesmos gritos, tudo igual. As mesmas pessoas que entram e saem, com os mesmos gestos e as mesmas exclamações irritadas.

Van confia em que o segundo agente que o vai receber se mostrará menos brusco do que o anterior. Pura ilusão, porém. Entra e a cena do dia anterior repete-se com poucas diferenças — mas para pior...

— Pode organizar uma companhia numa escola... — aconselham, sarcásticos, os que rodeiam o director.

Van sai mais compungido e derrotado do que da primeira vez. Na sala de espera reencontra as duas raparigas que no dia anterior lhe tinham sorrido. Ao passar por elas, perguntam-lhe:

— Teve sorte?

— Regular — responde Van, para não perder a importância. — As condições não eram boas.

— Vamos, não precisas de mentir... Disseram-te que não lhes interessavas, não é isso? — pergunta-lhe com um sorriso compreensivo a que falara antes.

— Sim, é isso... — reconhece ele.

— A princípio é sempre assim... Depois, acabam por nos contratar... Tudo chega, é preciso saber esperar... Tu começas agora, não é verdade?

— Sim.

— Tens de ter paciência... Nós temos trabalhado em muitos teatros, mas também nos dizem o mesmo. Como já sabemos como isto é, já não nos custa. É tudo questão de paciência e de saber esperar...

**Querendo reeditar o êxito de «Romance Sensacional» e «Escola de Sereias», a Metro reuniu de novo Esther Williams e Van Johnson em «Cedo para beijar». Houve quem falasse então que ainda não era tarde para os dois artistas se apaixonarem de vez. Era tão perfeita a sua união no «écran» que na vida real nunca poderiam ser infelizes. Mas o destino traçou-lhs rumos diferentes...**







Com Elizabeth Taylor, em «A última vez que vi Paris»

# FIEL A UM SÓ AMOR NA VIDA REAL MAS...

# inconstante no cinema...

Um artista de cinema é obrigado, por força da sua profissão, a viver, mais do que a fingir, todos os romances de amor que os argumentistas traçam para eles. As cenas amorosas que o público tanto aprecia, levam horas e horas de trabalho, devido às repetições que se tornam necessárias até se conseguir o enquadramento perfeito. Mas nem tudo é tão agradável como o público supõe...

Ainda recentemente, um jornalista perguntou a Fernandel:

— Que pensa do beijo no casamento? O que pode despertar no actor?

Ao que o grande cómico respondeu:

— Indiferença. Beijar diante de quarenta pessoas não tem nada de íntimo.

A incontestável verdade que estas palavras encerram, explica por si só, o facto, que a muitos parecerá estranho, de certos artistas se contentarem com um só amor na vida real.

Van Johnson é um desses casos. Embora tenha contracenado com muitas das mais belas «estrelas» do cinema, não é um ser inconstante no amor... No cinema é-o por dever profissional, mas entre a realidade e a ficção pode e deve haver diferenças...

E dessas diferenças, por mais pequenas que sejam, depende essa coisa chamada felicidade...



Com Martine Carol, em «Uma aventura no Mediterrâneo»



Com June Allyson, em «O segredo da porta»



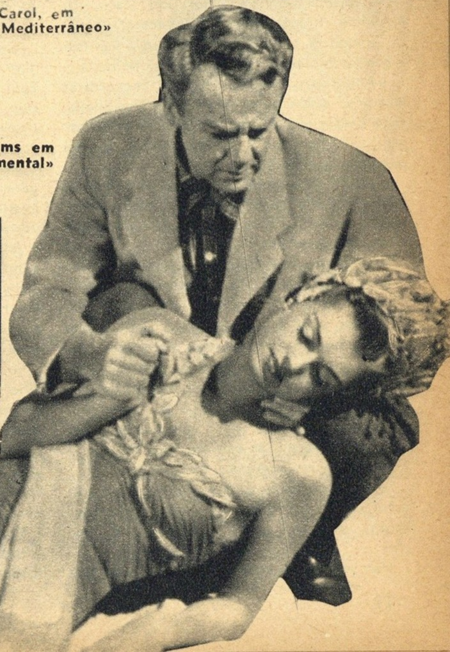
Com Deborah Kerr, em «O fim da aventura»



Com Jane Wyman, em «Milagre à Chuva»



Com Vera Miles, em «A 23 passos do abismo»



com Ester Williams em «Romance Sentimental»

— O meu mal é que não posso esperar...

Ambas as jovens sentem simpatia por ele e decidem ajudá-lo.

— Vamos sair daqui, rapaz... Vais beber uma cerveja connosco e ficarás melhor...

Entram num pequeno café sujo e velho ao lado da agência e que mais parece uma continuação da mesma, porque as mesmas caras que frequentam um, frequentam o outro. Todos pedem bebidas baratas. As suas economias devem ser tão pobres como as roupas que trazem vestidas.

Van caminha como uma sombra. Tem demasiadas coisas na cabeça e não sabe distinguí-las. Parece ensimesmado. As jovens descobrem por fim uma mesa e convidam-no a sentar-se.

— Eu sou Sheila e esta é Ruth — exclama a que se senta à sua direita.

— Chamo-me Van Johnson. Sou de Newport, Rhode Island. Conhecem? Acabo de chegar a Nova Iorque. Quero encontrar trabalho depressa. Pouco dinheiro me resta...

— Não tens confiança em ti? Encontrarás trabalho, tenho a certeza — diz-lhe Sheila, para animá-lo. — Mas tens de saber consegui-lo. É mais fácil do que parece. É uma questão de hábito...

— ...E de apresentação... — acrescentou Ruth. — Basta que se vista como corresponde a um actor, que fale como ele e que fanfarroneie muito.

— Disseste que nunca representaste, não foi? — pergunta Sheila, franzindo o nariz.

— É verdade — responde ele, admirado.

— Sim, mas a verdade deve desaparecer da tua memória. Se quiseres encontrar trabalho, terás que dizer que já contracenaste até com Sarah Bernhardt, ou por outras palavras, com os melhores artistas do mundo. Evidentemente que não acreditarão, mas com isso conseguirás convencê-los de que já trabalhaste em qualquer companhia.

— O importante é que vejam em ti um actor, não um actor com jeito, como eles dizem, mas um actor profissional. É simples...

Van regressa a casa mais animado do que nunca. As duas jovens tinham-lhe insuflado, com a sua alegria e o seu optimismo, uma alma nova.

No dia seguinte, sai com o seu fato número 1. Os gestos decididos de quem sabe o que quer e para onde vai, o ar ligeiramente vaidoso do seu porte quando caminha pelas ruas, a maneira elegante com que penetra nas agências teatrais, atraem agora os olhares admirativos das mesmas pessoas que, na véspera, gargalhavam à sua passagem... Em lugar do provinciano humilde que não tinha confiança em si próprio, Van é agora um jovem vigoroso a quem os directores das agências teatrais escutam com respeito. E embora as respostas fiquem longe de corresponder aos seus anseios, ele não se sente inferiorizado e não abdica da sua personalidade. Chega a bater com a porta na cara dos directores e, outras vezes, grita como um possesso ao sair.

Sheila e Ruth continuam a aconselhá-lo. Van já não é o mesmo do primeiro dia. Fala também e expõe opiniões. A amizade que os tinha unido na adversidade, fortalece-se agora que a confiança no futuro aquece os seus corações.

A simpatia de Van vai principalmente para Ruth. Mais tímida e humilde do que Sheila, ela deixa a amiga tomar todas as decisões como se ele fosse um pequeno barco a reboque... Van encontra-se com ela a sós e juntos percorrem a cidade de braço dado. Convencido de que Ruth é o seu primeiro amor, a primeira chama que vem aquecer o seu coração solitário, ele não tem coragem para guardar o segredo.

— Amo-te, Ruth. Amo-te... — sussura-lhe Van ao ouvido, em plena rua, debaixo de uma chuva miudinha que começa a molhar o asfalto.

A declaração é triste e quase trágica — é uma declaração inútil. De repente, a chuva começa a cair forte. Refugiam-se junto de uma porta.

Como sempre, a chuva é para Van mau presságio. Ruth não respondera à sua confissão, e toda a beleza desse momento que todos os jovens crêem ser único nas suas vidas, desaparece debaixo da chuva... Que podia ter dito ele mais do que as escassas palavras que pronunciara? Por mais absurdo que fosse, não podia oferecer nada a Ruth. Dizer-lhe que a amava era muito pouco, mas na realidade que outra coisa podia acrescentar um aspirante a actor, cuja única riqueza era a esperança?

★

No dia seguinte, Van visita outras agências. Enquanto espera pela vez de ser recebido, a cabeça arde-lhe em pensamentos de fracasso. De repente, levanta os olhos para a porta agora entreaberta em que se lê a palavra «Direcção», desenhada sobre o vidro. Sheila e Ruth, cuja presença ali ele ignorava, despedem-se alegremente do agente e saem correndo.

Ao ver Van, Sheila detém-se por um momento.

— Partimos hoje mesmo para Chicago. Fomos contratadas! Boa sorte! — grita-lhe.

Ruth não profere uma palavra. Olha-o com tristeza. Van retribui-lhe um olhar ainda mais triste, como se ela desaparecesse para sempre da sua vida.

«A chuva — pensa Van — sempre a chuva».

Abandona a agência sem esperar que o recebam. Pouco lhe falta para ir tomar o comboio de regresso a Newport. Interroga-se: «Porque fico eu aqui?» — e não encontra uma resposta.

Mordendo os lábios, começa a escrever para casa:

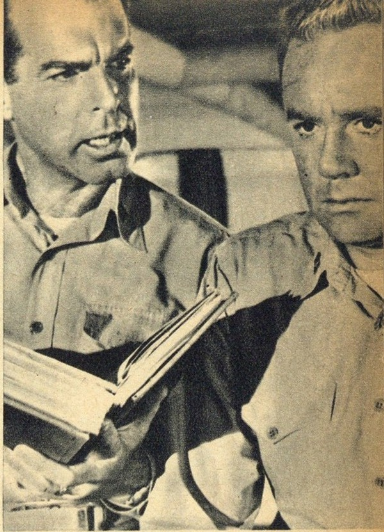
«Felizmente, tenho-me dado bem...»

★

Apesar das desilusões sofridas, continua a percorrer todas as agências pelo índice alfabético. Os dias passam. Tem cada vez mais paciência e menos dinheiro.

E, de repente, um velho director olha-o por cima dos óculos e pergunta-lhe:

— Sabe dançar e cantar, não é isso?



**«Os revoltados do Caine» condidataram Van Johnson ao «Óscar» da Academia, mas este prémio não lhe chegou a ser atribuído, para o que concorreu o escândalo provocado pelo seu casamento com May Winn.**

— Sim.

— Aceita quinze dólares por semana?

— Sim.

— Assine.

Não podia ter sido mais rápido. A oportunidade por que tanto esperava viera tão inesperadamente que não sabia se estava realmente contente ou não.

Actua num bairro da cidade, numa sala de segunda categoria, tomando parte no coro da revista «Caras Novas». O teatro muda de aspecto para ele. A sala de espera das agências desaparece da sua memória, que fixa agora todas as descobertas do mundo tumultuoso dos ensaios. Diverte-se.

As representações começam com pouco êxito. Dos 15 dólares prometidos só cobra

**Actuando sob a direcção de um realizador excepcional como Richard Brooks, Van Johnson brilhou a grande altura em «A última noite que vi Paris», num papel de grande intensidade dramática, em que amava nada menos do que três mulheres: Elizabeth Taylor (à direita), Donna Reed e Zsa Zsa Gabor (em baixo).**





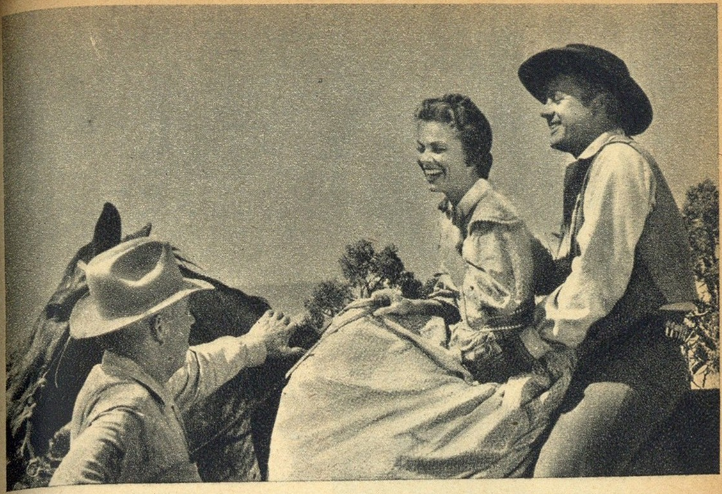
cinco — o que mal lhe dá para viver. A revista mantém-se poucas semanas no cartaz, e fica de novo desempregado.

Agora a necessidade de um novo emprego torna-se-lhe mais forte... Salvam-no desse transe os companheiros da revista «Caras Novas», com uma oferta que ele aceita imediatamente, entrando num conjunto de baile que vai realizar uma digressão por Nova Inglaterra.

Invade-o a sensação de que chegou ao fim das suas esperanças, de que toda a luta futura resultará tão inútil como a rotina das visitas às agências teatrais: «Que esperava eu do teatro? — pergunta a si próprio. — Fama? Dinheiro? A alegria de representar? Ganho 5 dólares por semana e sou um bailarino que passa despercebido a toda a gente... Para que continuo eu no teatro?».

Apesar de tudo, não abandona os companheiros. Embora o teatro já não lhe ofereça quaisquer atractivos, prefere continuar a mentir à família a ter de dar o braço a torcer, regressando a casa derrotado, para dizer ao pai: «Tinhas razão. O teatro não é nada do que eu supunha».

Terminada a «tournée» por Nova Inglaterra, regressa a Nova Iorque, onde conhece de novo os dias amargos do desemprego. Resta-lhe pouquíssimo di-



**Num intervalo de filmagens de «O último cerco», inspirado pelo ambiente do «far-west», Van Johnson resolveu dar uma galopada pela pradaria levando na garupa a insinuante Joanne Dru. O realizador Rudy Maté, à esquerda, disse-lhes qualquer coisa que lhes provocou o riso... Ah! Se as fotografias falassem...**

nheiro. Com ele tem de viver durante um tempo indefinível — talvez semanas, talvez anos.

É a época mais trágica da sua vida. Não tem mais nada a fazer senão pensar — e pensar desespera-o. Passa fome e, para enganá-la, adopta os truques dos famintos: come lentamente e com calma. O estômago, porém, não se deixa iludir e cada vez sente-se mais débil. Por vezes, assalta-o o desejo de escrever ao pai, confessando-lhe tudo. Compreende que não lhe resta outra solução, mas procura adiar o mais possível esse momento. Entretanto, deambula pelas ruas como um fantasma.

★

É noite. Nos palcos da Broadway os panos já desceram. Os anúncios luminosos apagam-se um após o outro. As ruas desertas, os teatros fechados, dão a Van a sensação de que tudo vai morrendo lentamente à sua volta. Olha com tristeza os cartazes afixados nas paredes. Noutros tempos, aqueles cartazes eram para ele um grito contagiante de alegria e cor. Agora, tudo é diferente. O jovem que dantes ia ver todas as peças, não tem dinheiro para ir ao teatro, e só assiste a um ou outro espectáculo quando os amigos lhe arranjam bilhetes.

De repente, Van pára à entrada do teatro Roseland, atraído pelo facto de ter ainda as portas abertas e de não haver ali porteiro. Movido pela curiosidade, entra pelo teatro adentro e vai até à plateia, em cujas primeiras filas vê meia dúzia de indivíduos sentados, assistindo às provas individuais de um grupo de bailarinos.

O director vai recusando um após o outro,



**... Van ainda não conseguira dissipar inteiramente as nuvens que tinham descido, como uma ameaça, sob a sua cabeça, por ocasião do escândalo do seu casamento. Porém, quando os críticos e o público apreciaram a sua interpretação em «O fim da aventura», ao lado de Deborah Kerr, esse episódio passou para o esquecimento. O talento venceu a maledicência.**

até que ninguém fica no palco. Van dispõe-se a sair, mas de repente uma voz soa a chamar alguém:

— É a sua vez! Venha depressa!

Volta-se e vê o braço do director apontando na sua direcção. Hesita, porém, em responder, recusando-se a acreditar naquele chamamento. Não tinha sido convocado e, se estava ali, era como um intruso...

Mas a voz do director soa de novo, impaciente:

— Vamos, ruivo, que tenho pressa

Van não se atreve a contrariá-lo. Uma luz de esperança acende-se no seu cérebro. Uma voz interior como que lhe murmura que aquela é a sua última oportunidade. Momentos antes, estava sem vontade, doente de corpo e de espírito, os nervos abalados pela longa série de desilusões.

Agora, porém, é um homem novo, um homem que põe todo o seu talento, toda a sua habilidade, na execução do sapateado cujo ritmo vem do piano. A certeza de que toda a sua vida futura depende daquela prova — Newport ou Broadway — dá-lhe forças para se superar a si próprio, realizando uma prova fantástica.

Desce do palco vencido e vai sentar-se numa das poltronas da plateia. Mais do que a sensação de ter passado por uma prova superior às suas forças, domina-o uma vez mais o receio de tudo ter sido inútil...

— Ruivo, amanhã ensaios às 11 — grita-lhe o director. — E sê pontual!

Como gostaria de lhe pedir que repetisse aquelas palavras. Sente-se o homem mais feliz do mundo. «Agradei, agradei!». Como um eco, estas duas palavras repercutiam-se no seu cérebro e dissipam-lhe todas as dúvidas daqueles dias de fome e desespero.



**«Brigadoon» (A lenda dos beijos perdidos) marcou o regresso de Van Johnson aos filmes musicais em que tanto brilhou nos anos 40. Ao lado de Gene Kelly — o mago da dança — e de Cid Charisse — a mais bela e talentosa bailarina do cinema — Van Johnson demonstrou, uma vez mais, que o tempo não tinha roubado a sua agilidade no domínio do sapateado...**



Na rua aspira a plenos pulmões o ar da noite. Chove levemente, mas ao contrário das outras vezes, não pensa em maus presságios. Pelo contrário, olha sorridente e feliz os fios de água que descem-lhe pelo fato. «Não, a chuva não me traz azar. Agora chove e ganhei um contrato quando menos o esperava. Trabalharei na Broadway e cobrarei a fabulosa soma de 40 dólares».

Sente-se emocionado. Contente. Feliz. Feliz porque ao cabo de tantas lutas conseguiu vencer finalmetne o fatalismo que o oprimia.

A revista mantém-se em cena durante nove meses. Van pode vestir-se, mudar de habitação e pagar até lições de arte dramática, dança e canto a professores competntes. Tudo lhe corre às mil maravilhas. Não gasta um centavo em diversões, prevendo possíveis contingências, no desejo de não se expor de novo à fome e ao frio.

Quando ao cabo dos nove meses a revista sai do cartaz, Van tem economias que lhe permitem encarar a situação com segurança. O medo não o ataca, desta vez tem a certeza de que em breve encontrará um novo emprego. Para isso existem os amigos e as agências, que o chamarão na primeira oportunidade, sem que ele precise de passar por elas.

Efectivamente, Van não demora muito a ser incluído no coro do teatro Roxy, de Nova Iorque, onde o seu ordenado é de 30 dólares por semana e o trabalho agradável. Contudo, realizam-se por dia duas sessões, e contínuos ensaios tornam a vida pesada ao jovem cantor, que ali não se mantém por muito tempo.

Do teatro Roxy vai para um hotel das montanhas Castkill, nos arredores da cidade dos arranha-céus. Ali pagam-lhe nove dólares, cama, mesa e roupa lavada. O trabalho é duro, mas muito variado. Primeiro actua como cantor e depois desempenha o papel de «mestre de cerimónias». Tem todas as horas ocupadas, mas não lhe desagrada o novo ambiente, porque lhe concedem uma certa liberdade para decidir os números do seu reportório — o que lhe permite transformar o trabalho num agradável passatempo.

Uma noite propõe ao director do hotel:

— Gostaria de experimentar as minhas possibilidades como violinista...

O interpelado sorri condescendente:

— Não lhe parece atrevimento a mais?...

Van sorri também:

— Por nove dólares e pelo trabalho de «mestre de cerimónias» de que não recebo um cêntimo, creio que me pode dar esta pequena satisfação...

Actua com grande êxito, mas a temporada de verão vai já no fim e esse êxito não lhe proporciona quaisquer resultados.

Regressa à Broadway. Pode escolher entre várias ofertas mas, instado por vários amigos, prefere voltar ao coro do teatro Roxy.

**«O Milagre à Chuva» deu-lhe ensejo de vestir de novo a farda da aviação e de trabalhar com uma actriz invulgar: Jane Wman.**





**«O fundo da garrafa», que tanto êxito obteve entre nós, contava a história de um homem casado e com filhos a quem o irmão recusava auxílio para não manchar a sua reputação de advogado. História essencialmente dramática, o público português impressionou-se com ela, para o que concorreu, em larga medida, o soberbo desempenho de Van Johnson.**

Com esses mesmos amigos forma, pouco tempo depois, um grupo vocal chamado «Eight men of Manhattan», que percorre o país com bastante êxito.

Nesse ano de 1939 junta-se a eles a famosa cantora Mary Martin, ganhando o espectáculo um relevo que até então não possuíra. George Abbott, o agente artístico de Mary, anuncia-lhes um dia:

— Rapazes: preparei em Hollywood um filme que vai entrar agora em rodagem. Preciso da vossa colaboração. Vinde comigo, ganhareis mais do que continuando a dar voltas sem saber onde parar.

★

Hollywood! Este nome enche de sonhos os «Oito homens de Manhattan», excepto Van ...O jovem de Newport não sonha. Hollywood é a máxima aspiração da sua vida, mas tem companheiros e não quer deixá-los ao primeiro canto de sereia.

— Trabalhamos juntos há bastante tempo — frisa ele, antes de exteriorizar as suas dúvidas. — Estamos triunfando cada vez com mais força. Chamam-nos de muitas vilas e cidades e ganhamos dinheiro, ganharemos muito mais. Não precisamos de desfazer o grupo sòmente para agradar a alguém que precisa de nós para os seus filmes.

— Sim, isso é muito romântico, mas em Hollywood ganhas num mês o que não ganhas agora em 10 anos. Eu vou para lá.

— Já pensaste que sòzinho não arranjarás nenhum contrato? — insiste Van, procurando convencer o companheiro. — O agente da Mary quer o grupo. Somos oito, e se não formos todos, ninguém ganhará sequer para as viagens.

— Mary vai para lá e, sem ela, nada conseguiremos.

Este último argumento convence quase todos. Van tem que se inclinar ante a maioria e tomar o caminho da Califórnia.

★

Hollywood. Arsenal de máquinas e câmaras. Milhares de «extras» envergando trajos anacrónicos passeiam pelos estúdios. Van vê a capital do cinema como uma «kermesse»



**«Kelly e eu» impôs-se ao agrado do público mercê das interpretações de Van Johnson, Piper Laurie e Martha Hyer, e da história, bastante original de um actor medíocre a quem um cão inteligente e curioso, serve de salvo-conduto para a fama em Hollywood. Os produtores não tardam, porém, a descobrir que lhe falta verdadeiro talento, e interessando-se apenas pelo cão, infligem-lhe a desilusão de o pôr à margem.**

imensa, onde existe de tudo menos alegria. Sente-se aborrecido e nauseado com os ambientes falsos, a pomposidade balofa, os escândalos e os mexericos que infestam a meca do cinema. Quer voltar. Mas os companheiros discordam dessa ideia, não obstante lutarem com falta de trabalho.

Van intervém em «Too Many Girls» como duplo de Gene Kelly. A pouco e pouco, entretanto, os «Oito Homens de Manhattan» perdem o contacto uns dos outros e em breve o conjunto acaba por desaparecer.

Embora contratado, Van não tem trabalho. Dizem-lhe que não se deve preocupar, uma vez que recebe o mesmo ordenado como se trabalhasse. Para o actor, porém, o que interessa não é ganhar dinheiro. Passar horas no estúdio de mãos cruzadas é para ele uma tortura. Desiludido, decide abandonar Hollywood e voltar à sua vida teatral, mais movimentada e apaixonante.

Essa decisão, porém, é recebida reprovativamente pelos artistas de quem se tornara amigo desde a sua chegada ali. Lucille Ball, uma das suas boas amigas, mostra-se particularmente aborrecida com semelhante ideia. Mesmo assim, ela e seu marido, Disie Arnaz, oferecem-lhe um jantar de despedida.

Van aceita o jantar, mas o seu rosto reflecte de tal maneira o desejo de partir que Lucille não se contém sem lhe dizer:

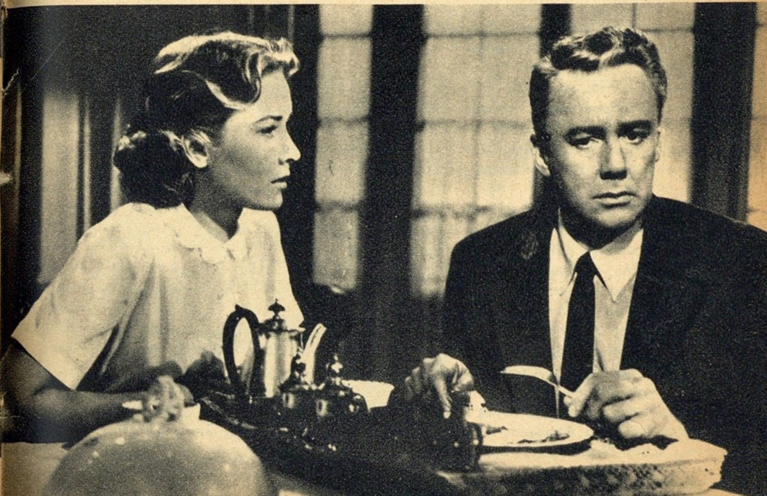
— Meu rapaz, com essa cara nunca conseguirás o êxito que ambicionas. Deverias estar alegre e irradiar simpatia.

— Isso é fácil de dizer — responde Van. — Mas dá-se a casualidade de que se estou com esta cara de morto, à vossa cidade o devo.

— Não fales assim. Se todos reagissemos como tu, quando as coisas não saem bem ao princípio, poucos ou nenhuns triunfariam, podes crer.

— O mal começou quando me deixei

**«A 23 passos do abismo» deu a Van o papel extremamente difícil de um escritor cego no meio de perigos sem fim. Filme de «suspense» elevada ao último grau, houve quem o considerasse mais rico de interesse do que «O fundo da garrafa».**



arrastar pelos outros, que sonhavam vir ganhar mundos e fundos. Afinal, separámo-nos sem que alguém triunfasse... Começava a minha carreira, troquei-a por outra e agora não tenho nenhuma.

— Reservei-te uma surpresa — anuncia-lhe Lucille com um dos seus sorrisos gaiatos. — Convidei um agente.

Van sorri ante a boa vontade e a persistência da amiga.

— Mostra-te alegre — recomenda-lhe ela. Se lhe causares boa impressão, poderás fazer uma prova. É o melhor agente de Hollywood, e se lhe agradares, levar-te-á aonde nunca sonhaste...

★

Os primeiros papéis que Van desempenha no cinema não conseguem despertar a atenção do público, até porque o seu nome figura nos genéricos muito abaixo dos principais artistas e todos eles nomes de primeira grandeza: Franchot Tone, Gene Kelly e Marsh Hunt em «O último piloto»; Mickey Rooney, Frank Morgan e James Craig em «A comédia humana»; Greer Garson, Walter Pidgeon e Robert Walker em «Madame Curie»; Spencer Tracy, Irene Dunne e Lionel Barrymore em «Um certo rapaz», e assim por diante.

Ao cabo de três anos, Van crê com pessimismo que nunca ascenderá aos primeiros papéis. Mais ainda, julga ter perdido três anos preciosos na sua carreira — anos que o dinheiro ganho não lhe conseguem fazer esquecer...

A América entrara, pouco tempo antes, na segunda Guerra Mundial, respondendo ao ataque japonês a Pearl Harbour. Devido à participação de muitos artistas famosos na aviação, no exército e na marinha dos U.S.A., os estúdios promovem muitos actores jovens a galãs de primeiro plano. Essa necessidade de gente nova faz-se sentir particularmente na M.G.M., a empresa que tinha Van Johnson sob contrato.

Chega, então, o momento da sua revelação. Preparadas as filmagens de «Trinta segundos sobre Tóquio», com Spencer Tracy e Robert Walker, o produtor verifica que falta um actor para um terceiro personagem de grande importância. Custa encontrá-lo: os jovens de aspecto simples e naturalmente tímidos não abundam numa cidade onde impera a vaidade e a mania das grandezas, e o atrevimento sem limites.

O agente de Van, posto ao corrente da oportunidade, não a deixa passar. O ruivo-sardento de Newport é designado para fazer o papel.

Iniciam-se as filmagens. Dir-se-ia que Van actua pela primeira vez diante das câmaras, tal o nervosismo que as suas atitudes e falas ressumam. Mas como podia reagir doutro modo um jovem que antes nunca sonhara contracenar em pé de igualdade com Spencer Tracy, artista por quem sente uma extraordinária admiração?

O nervosismo persegue-o a todas as horas. Mesmo depois de sair do estúdio, não consegue recuperar a serenidade, a perfeita calma, que antes eram seu apanágio. É uma situação difícil, mas ele próprio não sabe explicá-la. E senta-se ao volante do seu carro, como se estivesse um pouco embriagado.

★

Certo dia, Van sai bastante tarde do estúdio. O cansaço reflecte-se nos seus olhos semicerrados. As mãos tremem-lhe.

Não obstante, carrega no acelerador do automóvel. Quer chegar depressa a casa. Sente as pálpebras fecharem-se, mas insiste, deixando o carro seguir numa corrida desenfreada. De repente, numa encruzilhada, surge outro veículo e já não pode evitar o desastre.

Fica metido entre os destroços de ferro e aço. Os bombeiros têm dificuldade em tirá-lo dali. E quando, por fim, o conseguem, muitos abanam a cabeça, descrentes da possibilidade de salvar o ferido da morte.

Na verdade, Van acusa várias fracturas. O seu rosto é um mapa de ferimentos e nódoas negras. No hospital, o médico que o examina verifica que ele sofreu comoção cerebral.







# 12 anos de felicidade conjugal!



**Na inconstante e pouco sensata vida de Hollywood, onde os divórcios se sucedem na maioria das vezes um ou dois anos depois do casamento, Van Johnson é um dos raros actores célebres que honram o seu nome de artista com uma vida conjugal verdadeiramente exemplar. Nos últimos tempos, ele tem filmado em vários países da Europa, mas esse facto não o inibe de levar Evyn Mynn e a sua família para qualquer parte onde tenha de partir por motivos profissionais.**

**Os 12 anos de felicidade conjugal que já têm desde o dia em que uniram os seus destinos, é um incentivo para o futuro...**

O despertar é para o jovem actor o mais horrível dos pesadelos. Vê ao espelho o rosto desfigurado e, como um punhal enterrando-se-lhe nas costas, a ideia de que nunca mais poderá representar deixa-o aniquilado. Quer levantar-se, fugir, desaparecer, mas as pernas não obedecem.

Dizem-lhe então com a cínica indiferença peculiar aos que trabalham longos anos nos hospitais:

— Talvez não possa voltar a caminhar.

Van pensa que a M.G.M. já decidiu, por certo, a sua substituição no filme. Pouco depois, porém, Spencer Tracy vem trazer-lhe a notícia mais feliz que ele poderia receber:

— A Metro decidiu suspender as filmagens até te recompores.

Operações e mais operações, tratamentos dolorosos e contínuos. A cura é longa e demorada. Mas sai do hospital como se nada tivesse sofrido.

É de novo um homem que não pensa em fatalismos. Uma única coisa o preocupa: a carreira. E tanto amor, tanta paixão, tanto entusiasmo põe nessa luta para chegar aos primeiros lugares da fama, que no espaço de um ano consegue o que muitos não logram atingir em anos e anos de sacrifício.

A imprensa fala do novo «astro» que nasceu em Hollywood: VAN JOHNSON. Agora todos se comovem com a sua tragédia, esquecendo-se que antes não lhe tinham dado a mínima importância. O público feminino manifesta a sua simpatia pelo actor sardento e ruivo, simpático e infantil, que tem ainda outro atractivo importante: é solteiro.

A imprensa e a rádio lançam as suas campanhas recolhendo a opinião das raparigas americanas: Van Johnson é o noivo ideal. Actor tìpicamente americano, ele representa o protótipo do jovem ianque, simples e agradável.

À medida que interpreta novos filmes, robustece-se a popularidade do novo galã. Os êxitos sucedem-se. A seu lado trabalham as actrizes June Allyson, Esther Williams, ana Turner, Irene Dunne, etc.

June é a sua companheira ideal no cinema. Com ela aparece sucessivamente em meia dúzia de filmes.

Nas revistas de cinema começam a circular rumores acerca de um romance na vida real entre o simpático par do cinema, o que representa uma tremenda desilusão para a legião das suas admiradoras, que o elegeram «o noivo ideal»... e que, arrogando-se a um direito tìpicamente americano, querem conservá-lo solteiro...

Esses rumores, porém, não passam de invenções fantasiosas de uma imprensa que se alimenta de mexericos e que, quando os não tem, não hesita em fabricá-los.

Surge depois o nome de Sonja Henie, mas de novo nada acontece. A vida de Van não pode ser mais simples.

— Estou demasiado ocupado para pensar no meu casamento. A minha única noiva é a MGM. Sou o homem mais feliz do mundo estando como estou. Não esqueço a luta que travei para chegar aonde cheguei.

★

Ao declarar que se sentia o homem mais feliz do mundo, Van não dissera a verdade.

O seu coração não conseguira manter-se cerrado ao despontar do amor. Superior às suas forças, esse sentimento indestrutível apossara-se da sua alma e, agora, não lhe consente um minuto de sossego, uma pausa na inquietação que o domina.

Van tenta renunciar a Evie. Sofre noites de insónia procurando esquecê-la, mas no dia seguinte, ao encontrá-la de novo, compreende que trava uma luta inútil contra si mesmo.

Todas as noites, Evie e seu esposo Keenan Wynn, vêm visitá-lo à sua casa de estilo inglês, em Beverly Hills. Quando Keenan os deixa a sós por qualquer motivo, Van sente-se preso de um nervosismo sem par. Parece-lhe monstruoso que Evie o convide a passear pelo jardim. Contudo, levanta-se como um autómato e acede a acompanhá-la. Inútil repetir a cada instante que Keenan é o seu melhor amigo e que não pode, não deve atraiçoá-lo. De resto, Evie ignora os sentimentos que ele nutre por ela.

Quando ela lhe dá o braço, Van sente calafrios. Como gostaria de acariciar a mão que sente junto da sua! Bastaria apenas um gesto rápido... mas contem-se a tempo.

Evie sente-se romântica e fala sòzinha. Ele apenas pronuncia monossílabos com voz tremente.

— A tua casa é maravilhosa. Tem o sabor do tempo. Os artistas que vêem do teatro parecem que têm um gosto superior. Em Nova Iorque a tua casa devia ser um prodígio.

— Pelo contrário — responde Van. — Era um desastre.

— Devia ser magnífico ter um lugar acolhedor entre tanta pedra. Devias receber muita gente. As raparigas iriam encantadas ver o teu quarto de solteiro. Deves ter tido muitos amores, mas nenhum bastante forte para te prender...

— Sim — sorri Van, para não dizer: «O único amor capaz de me prender é o teu».

Evie mostra-se orgulhosa pela amizade de Van. Agrada-lhe informar-se da sua vida para poder comentá-la com entusiasmo, e esse interesse vai aumentando cada vez mais.

— Que fazias em Nova Iorque? Que tal era o teatro onde trabalhavas? Tinhas muitas noivas? Fala-me delas...

Evie repete sempre as mesmas perguntas — atormentando-o especialmente com uma curiosidade insaciável sobre as suas noivas, um interesse extraordinário sobre a sua vida amorosa.

Van crê que Evie se não apercebe do amor que ele lhe dedica e que, por isso, se mantém tão longe dos seus pensamentos.

Certo dia, ela colhe-o de surpresa com uma pergunta que o obriga a estremecer:

— Como eram as tuas noivas? Pareciam-se comigo?

Van fica atordoado, mas responde sem hesitar:

— Sim — e repete várias vezes: — Sim, sim, sim.

Noivas verdadeiras nunca as tivera. Mas a imaginação dera-lhe uma como ele julgava não haver outra igual; e essa noiva era ela, Evie, a esposa do seu melhor amigo, Keenan Winn.

Ela sorri-lhe, como num agradecimento, e aperta-lhe o braço num gesto de felicidade. Os nervos de Van ficam crispados. Mas a figura de Keenan, que não sai do seu pensamento, volta a detê-lo.

No estúdio passa horas horríveis, sentindo-se cada vez mais atordoado. Parece por vezes um estreante sem experiência. Pensar em Evie deixa-o transtornado. É um problema sem solução.

Um raio de esperança entra na sua alma quando sabe que amiudadas vezes o casal discute acaloradamente. Mas logo a voz da consciência o acusa: «Não te alimentes de pensamentos absurdos e pouco nobres».

Pressente que Keenan suspeita do que se passa com ele — e esse pensamento como que o sufoca.

«Que se passará entre eles? — pergunta a si próprio. — Keenan encontra muitas desculpas para não vir».

★

Chove. Van sente de novo a mesma impressão estranha que a chuva sempre deu a todos os momentos importantes da sua vida.

Na sua casa em Beverly Hills, ele e Evie esperam por Keenan para jantar. De repente, soa o telefone. Van vai levantar o auscultador e responde.

Volta pensativo para junto de Evie. A sua imaginação dita-lhe um pensamento curioso: «Hoje saberei se a chuva é contra mim ou por mim».

— Alguma coisa importante? — pergunta-lhe a esposa de Keenan.

— Era o teu marido a dizer que ceássemos, porque não podia vir. Quanto o lamento!...

— Não te preocupes, estaremos mais tranquilos. Ele tem aparecido pouco nestes últi-

mos dias e põe-me nervosa. Há momentos em que penso...

— Vamos jantar — corta Van, receoso.

— Que pressa tens? Dizia-te que às vezes penso umas coisas. Não sei. Creio que o melhor...

— Deixa isso agora — interrompe ele de novo.

— Mas se não disser a ti, a quem vou dizer? Penso coisas que me doem, mas que estou disposta a fazer.

Há um minuto de silêncio. Van contempla impaciente os cristais em que os fios de água traçam desenhos misteriosos. Espera um desenlace.

— Ouve, Van — pergunta tìmidamente Evie. — Era verdade que as tuas noivas se pareciam comigo?

— Não — grita Van, preso de uma estranha loucura. — Não se pareciam contigo porque nunca tive noivas. Nunca me interessei por nenhuma outra mulher senão por ti...

Tanto um como o outro ficam sem saber o que dizer. Van desvia o olhar para os cristais, como que quisesse interrogar a chuva.

— Há muito tempo, Van?

— Sim, anos.

— Porque te calaste? Oh, Van, que tonta eu sou. Como és bom, querido. Mas perdemos tanto tempo!...

★

Hollywood comove-se. O escândalo corre de boca em boca. «A esposa Keenan Wynn divorcia-se para casar com o melhor amigo de seu marido, o actor Van Johnson».

A boda tem lugar no México, para onde os dois fogem a fim de não ovivar o escândalo. Para as raparigas americanas que tinham eleito Van Johnson «o noivo ideal», é um rude golpe. Elas sentem-se defraudadas, e reagem de maneira violenta à «forma ingrata» como ele as desiludira...

A volta aos estúdios não é apoteótica, mas silenciosa e, mesmo assim, vista com maus olhos. A fama de Van começa a decrescer. A Metro rescinde o contrato a longo prazo que ele tinha assinado. Apesar de tudo, porém, não lhe falta trabalho. Roda menos filmes e estes obtêm menos êxito que os primeiros. Os produtores desconfiam dos seus atractivos e põem-no um pouco à margem.

Passam vários anos — e Van vê-se remetido a um plano secundário entre os grandes nomes de Hollywood. Nenhum dos seus filmes consegue um êxito extraordinário. Apercebendo-se da queda vertiginosa que o ameaça, o actor começa a dar tudo por tudo visando recuperar o prestígio perdido. E consegue-o.

Em 1954, «Os Revoltados do Caine» e «Brigadoon», obtêm um êxito enorme, que o reconduz à primeira fila dos grandes ídolos de Hollywood. Deixando de ser definitivamente o «noivo ideal» das raparigas americanas, Van torna-se notado pela sua extraordinária capacidade artística, pelo talento e pelo esforço que cada um dos seus papéis representa e, em 1955, pelo seu trabalho em «O fundo da garrafa» e «Milagre à chuva», o seu nome é justamente indigitado para o «Óscar» da Academia.

Os incidentes que rodearam o seu casamento já se apagaram na memória dos que tinham jurado destruir a carreira do actor. E Van continua a ser o marido feliz na companhia de Evie Abbot Wynn, a mulher que um ano depois do enlace lhe deu uma encantadora filha, Schuyler Van Johnson, que hoje já tem 11 anos...

Como o tempo passa...

**FIM**

**NO PRÓXIMO NÚMERO:**

**GENE TIERNEY**

***a actriz que enlouqueceu!***



N. 38

PREÇO 2$00